

Maria da Conceição Tavares, a espada democrática contra o dragão do modelo econômico brasileiro¹

Adilson Marque Gennari²
Fábio Antonio de Campos³

403



Foto: Acervo Histórico do Arquivo Central/UNICAMP

O debate sobre a economia global, e, sobretudo, a economia brasileira não será mais o mesmo, pois acabamos de perder uma de suas mais argutas vozes críticas, representada pela extraordinária participação da

¹ Tavares nasceu em Aveiro, Portugal, no dia 24 de abril de 1930, e morreu em Nova Friburgo-RJ, Brasil, no dia 8 de junho de 2024.

² Economista, doutor em Ciências Sociais –IFCH-UNICAMP. Professor aposentado do Departamento de Economia da UNESP Araraquara. | gennariadilson@gmail.com

³ Professor do Instituto de Economia da UNICAMP. | fcampos6@yahoo.com.br



economista, escritora e intelectual, Maria da Conceição Tavares. De formação básica em matemática, logo rumou para os estudos de economia, principalmente no campo da macroeconomia, da economia política e da economia brasileira. Sua reflexão vem de uma complexa heterodoxia que contém doses desde a crítica à economia política de Karl Marx, passando pela macroeconomia de John Maynard Keynes e Michal Kalecki, além apresentar contornos desenvolvimentistas com a produção dos economistas latino-americanos, especialmente àqueles ligados ao pensamento clássico da CEPAL como Raul Prebisch, Anibal Pinto e Celso Furtado. Assim, nasceu uma das mais ferrenhas críticas do neoliberalismo e da ortodoxia na economia, bem como estudiosa fecunda do desenvolvimento capitalista retardatário nos países latino-americanos.

Logo após obter sua licenciatura em ciências matemáticas pela Universidade de Lisboa, em 1953, mudou-se para o Brasil se afastando de uma realidade brutal determinada pela ditadura de Salazar. No Brasil, voltou-se ao estudo das ciências econômicas e logo obteve sua formação nesta área pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1960. Sua formação avançou com cursos de pós-graduação em desenvolvimento econômico na CEPAL e na Universidade de Paris. Foi para UNICAMP, onde completou sua carreira na pós-graduação e lecionou. Depois ajudou na organização da pós-graduação da UFRJ, vindo a se tornar professora emérita.

Conceição Tavares ganhou fama nos meios acadêmicos e no debate brasileiro, principalmente por suas teses e ideias sobre “a industrialização por substituição de importações”, quando em 1963 recebeu destaque a publicação de seu ensaio “Auge e declínio do processo de substituição de importações no Brasil”. Entendia que as economias periféricas tinham uma tendência crônica ao estrangulamento externo, dadas as pressões da deterioração dos termos de troca. Assim, as restrições externas induziam o setor industrial a produzir novos ciclos de substituição de importações com a produção interna, como por exemplo, a transformação da estrutura econômica que ocorreu no Brasil nos anos 1950 em diante.

Outras obras que merecem relevo, além de vários ensaios e coletâneas por ela publicadas, seriam o artigo “Além da estagnação” (coautoria de José Serra) de 1970, assim como sua tese de 1974 “Acumulação de capital e industrialização no Brasil”, e em 1978 “Ciclo e crise – o movimento recente da economia brasileira”. Nestes trabalhos, fica nítida sua crítica à CEPAL, quando desloca as questões de centro e periferia para a



internalização do ciclo endógeno do capital industrial nos setores de bens de capital e bens de consumo duráveis. No lugar do conceito, que ela mesmo tinha cunhado de “industrialização por substituição de importações”, entra os de “industrialização restringida” e de “industrialização pesada”, cujo elemento central é a acepção kaleckiana de internalização dos departamentos de bens de produção (DI) e de consumo capitalista (DII), que permitiria em economias periféricas como a brasileira a “autodeterminação do capital” – fato ocorrido, segundo ela, e também defendido por seu discípulo João Manuel Cardoso de Mello em “O Capitalismo tardio” de 1975, com o Plano de Metas de Juscelino a partir de 1956.

Com a crise da industrialização brasileira marcada pelo problema da dívida externa no início dos anos 1980, Conceição Tavares se dedicou ao estudo da economia política internacional ao discutir temas como internacionalização, economia monetária, geopolítica e financeirização, em que se sobressaem artigos como “Capital financeiro e empresa multinacional” (coautoria de Luiz Gonzaga Belluzzo) de 1980 e a “A retomada da hegemonia norte-americana” de 1985. Os impactos do neoliberalismo nos anos 1990, bem como os descaminhos de se recolocar na agenda nacional o desenvolvimentismo, fizeram com que a pensadora fizesse alguns balanços da inserção da economia brasileira à financeirização, que aparece em textos como “Império, território e dinheiro” de 1999 e “Subdesenvolvimento, dominação e luta de classes” de 2000.

Como uma importante intérprete do pensamento social brasileiro, Conceição Tavares era daquelas intelectuais que tinha na teoria um compromisso prático transformador, portanto uma intelectual pública. Quando ela amadurece sua crítica às teses cepalinas, seu ideal político se descola daquela geração de pensadores brasileiros – como Caio Prado Jr., Nelson Werneck Sodré, Celso Furtado e Florestan Fernandes – que por meio das encruzilhadas da formação nacional reivindicavam a revolução brasileira, e por isso tinham como diretriz a luta anti-imperialista e a superação da segregação. A autora concebia o capital internacional com algo inevitável para mover a industrialização pesada, mas acreditava que fosse possível negociar os termos da dependência externa por meio de ações do Estado como indutor do crescimento econômico sustentado e da superação das mazelas sociais com políticas públicas universais. A luta pela redemocratização brasileira e por uma nova constituição como ocorrera em 1988, conjugada a uma política econômica que tivesse como objetivo a



conciliação da economia e da sociedade para o bem-estar, seriam as bases da utopia da pensadora.

Tavares viveu quase um século e não conheceu um Estado de bem-estar social no Brasil – condizente com sua ideologia reformista democrática, pelo contrário, testemunhou o aprofundamento desde o pós-1964 de um modelo de desenvolvimento subordinado e concentrador de renda, cuja desigualdade social bate recordes. Mesmo com o fim da ditadura, a dependência externa e o *apartheid* social se reciclaram em nossas terras, aprofundando a herança colonial até o século XXI. Este modelo perverso seria os responsáveis pelas crises econômicas recorrentes vivenciadas pela sociedade brasileira. Neste sentido, a perda de Maria da Conceição Tavares terá como consequência o empobrecimento do debate e da produção acadêmica brasileira, principalmente na área de economia, já bastante submetida aos cânones do neoliberalismo, justamente a corrente de pensamento que defende esse modelo nefasto, objeto de luta intelectual, e por que não dizer, de ódio da gigante Maria da Conceição Tavares.

Campinas, Recife, 20 de junho de 2024

